



Estudos Interdisciplinares em Ciências da Saúde

Volume 19



Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA

Equipe Editorial

Abas Rezaey	Izabel Ferreira de Miranda
Ana Maria Brandão	Leides Barroso Azevedo Moura
Fernado Ribeiro Bessa	Luiz Fernando Bessa
Filipe Lins dos Santos	Manuel Carlos Silva
Flor de María Sánchez Aguirre	Renísia Cristina Garcia Filice
Isabel Menacho Vargas	Rosana Boullosa

Projeto Gráfico, editoração e capa

Editora Acadêmica Periodicojs

Idioma

Português

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

E82	Estudos Interdisciplinares em Ciências da Saúde - volume 19. / Filipe Lins dos Santos. (Editor) – João Pessoa: Periodicojs editora, 2024.
	E-book: il. color.
	Inclui bibliografia ISBN: 978-65-6010-116-6
	1. Estudos interdisciplinares. 2. Ciências da Saúde. I. Santos, Filipe Lins dos. II. Título.
	CDD 610

Elaborada por Dayse de França Barbosa CRB 15-553

Índice para catálogo sistemático:

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências da Saúde: estudos 610

Obra sem financiamento de órgão público ou privado

Os trabalhos publicados foram submetidos a revisão e avaliação por pares (duplo cego), com respectivas cartas de aceite no sistema da editora.

A obra é fruto de estudos e pesquisas da seção de Estudos Interdisciplinares em Ciências da Saúde da Coleção de livros Estudos Avançados em Saúde e Natureza



**Filipe Lins dos Santos
Presidente e Editor Sênior da Periodicojs**

CNPJ: 39.865.437/0001-23

Rua Josias Lopes Braga, n. 437, Bancários, João Pessoa - PB - Brasil
website: www.periodicojs.com.br
instagram: @periodicojs

Capítulo 15

A GRAVIDEZ PRECOCE E OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS NA ADOLESCÊNCIA



A GRAVIDEZ PRECOCE E OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS NA ADOLESCÊNCIA

EARLY PREGNANCY AND PSYCHOSOCIAL IMPACTS IN ADOLESCENCE

Diana de Brito Nascimento¹

Berenilda Francisca Pires²

Walfrido Menezes³

Resumo: Com o intuito de abordar e elucidar os diversos fatores associados a gravidez precoce este artigo apresenta o estudo da gravidez precoce e os impactos psicossociais na vida das adolescentes e como a realidade da gestação irá interagir com as dinâmicas da adolescência. A metodologia utilizada, no presente estudo, foi de caráter qualitativo e explicativo, por meio de pesquisas bibliográficas de diversos autores e estudiosos. Foram abordadas literaturas psicanalistas como, alguns textos de Sigmund Freud, organizados por Gilson Iannini e Pedro Heliodoro Tavares, os escritores, Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso. Ademais, artigos científicos e pesquisas sobre o assunto.

Palavras chaves: Gravidez precoce; Adolescência; Sexualidade.

Abstract: In order to address and elucidate the various factors associated with early pregnancy, this article presents the study of early pregnancy and its psychosocial impacts on the lives of adolescents and how the reality of pregnancy will interact with the dynamics of adolescence. The methodology

1 Estudante de Psicologia no Centro Universitário Maurício de Nassau em Recife-Pernambuco.

2 Estudante de psicologia do Centro Universitário Maurício de Nassau.

3 Professor e Psicólogo pela FACHO, Mestre e Doutor em Serviço Social na UFPE, Professor de Psicologia e Supervisor de estágio da Uninassau - Boa Viagem, ex-presidente do Conselho Estadual da Pessoa Idosa e ex-participante do Conselho de Ética da UPE.



used in this study was qualitative and explanatory, through bibliographical research by several authors and scholars. Psychoanalytic literature was addressed, such as some texts by Sigmund Freud, organized by Gilson Iannini and Pedro Heliodoro Tavares, and the writers Diana Lichtenstein Corso and Mário Corso. In addition, scientific articles and research on the subject were included.

Keywords: Early pregnancy; Adolescence; Sexuality.

INTRODUÇÃO

Este artigo abordou a gestação precoce, de maneira qualitativa e explicativa, visando a ampliação do entendimento sobre os riscos e consequências da parentalidade na adolescência. Visto que, em específico, essa fase da vida, é uma etapa transitória entre a infância e a idade adulta, onde aparecem comportamentos diferenciados, dinâmicos e mutáveis.

Torna-se conveniente iniciarmos com os conceitos centrais, para melhor compreensão da complexidade que envolve, muitas transformações que geram inseguranças, desequilíbrios, mudanças de humor constantes, felicidade, alegria, dores etc., um momento de alterações de comportamento, que misturam atitudes de adultos e de criança.

Do ponto de vista psicosssexual, é o momento considerado por Freud (1905) diante do desenvolvimento do aparelho psíquico, na fase genital, em que os mesmos saem do universo familiar, e encontram refúgio se inserindo em grupos, processo de ampliação social, paquera, namoro, amizades, festas e etc.

Portanto, entendemos que nesse contexto, se insere a sexualidade, e a mesma envolve valores morais, costumes, atitudes, preconceitos, tabus, estereótipos e idéias distorcidas que desencadeiam, como princípio, comportamentos repressivos, interrompendo uma vida prazerosa e saudável, impedindo o livre desenvolvimento do ser humano (Chauí, 1984).

A sociedade brasileira, desde seu descobrimento oficial, foi fortemente marcada pela



repressão, seja com os indígenas que aqui viviam na chegada dos portugueses, seja com os negros que, foram escravizados, tinham que esquecer seus costumes e hábitos; os próprios portugueses traziam em si um forte complexo repressivo em seus costumes calcados na moral judaico – cristã.

E, assim, na prática, uma ação voltada para a saúde reprodutiva dos adolescentes só começa a partir de 1997 com alguma mobilização, no âmbito federal, por meio do Ministério da Saúde. No entanto, esse tipo de ação não tem alcançado resultados satisfatórios, por falta de características educativas e de promoção de políticas sociais voltadas para essa faixa etária.

Portanto, também do ponto de vista biofisiológico, ambos nessa fase, se encontram organicamente preparados para a reprodução da espécie, embora o biológico seja natural, não implica em ampliação imediata das estruturas psíquicas, comportamentais e cognitivas.

Assim, mediante o exposto a gravidez não planejada e não desejada, resulta em uma ampliação maior dos aspectos de conflitos, naturais ao desenvolvimento do ser adolescente. Assim vejamos, em uma pesquisa realizada por Menezes, (2000)⁴, em, em uma visita à casa de uma adolescente que teve o bebê durante a pesquisa, ouvimos da sua mãe que a estava ajudando, “que ela era muito descuidada com o filho, pois o mesmo só tinha apenas uma semana de vida – levando-o para o sereno e querendo sair com o mesmo às 7 horas da manhã para passear em um dia chuvoso”. Já com o marido “brigava muito e implicava por qualquer motivo ‘pois este não lhe dava atenção’”. Na opinião da mãe (com a qual concordou a adolescente):

“o marido fazia tudo para ela”: “Não sei porque faço isso, meu marido é muito bom para mim, acho que é porque fico muito presa, perdi a liberdade, e quero ser livre” (Bethanea, 18 anos).

Esse depoimento acima evidencia o fato de que a gravidez e o nascimento do filho em mães adolescentes, muitas vezes, por não fazer parte de um desejo para o momento, priva-as de vivenciarem outras situações mais reais para esta etapa da vida, como festas, escola, amigas (os), paquera etc.

4 Alguns dados aqui apontados, foram retirados da Dissertação de mestrado: A BARRIGA CRESCEU... ...ADEUS MENINAS!!! Exclusão Social: o real e o simbólico na gravidez adolescente.



De acordo com o Ministério da Saúde (2023) a gravidez é um período de intensas transformações para a gestante, e também para os familiares ao redor. A gestação, geralmente, não apresenta intercorrências por tratar-se de uma situação fisiológica, sendo responsável pelo surgimento de uma nova vida.

Assim, percebemos que a gravidez na adolescência, no Brasil, é uma questão bastante ampla e de pouco estudo a partir da visão dos próprios envolvidos, tanto na teoria como na prática. Em relação à gravidez encontramos poucas publicações (livros) e alguns textos em revistas, temas para seminários e via Internet, mas sempre com o olhar do adulto ou do médico-científico e sem focalizar a questão do olhar dos próprios jovens.

A área médica que lida diretamente com esse setor – a ginecologia – apresenta mais estudos sobre a gravidez da mulher adulta do que a gravidez das jovens, embora existam hoje algumas instituições hospitalares em Pernambuco/ Recife, como o Instituto Materno-Infantil – IMIP, o Hospital Agamenon Magalhães, o Otávio de Freitas e a Maternidade da Encruzilhada, além de algumas Organizações não governamentais, e o Programa de Saúde da Família.

No Programa de Saúde da família, existe o acompanhamento de gestantes, o pré-natal, incluindo aí as jovens adolescentes, e dados do Ministério da Saúde (2020), para um total de nascimentos de mães adolescentes foi de 380.778, representando 14% do total de nascidos vivos.

Em Recife, o Hospital universitário da UFPE, especialista em atendimento às adolescentes grávidas através do Programa de Atenção à Gestante Adolescente (Progesta), com início no ano de 2019, no Hospital das Clínicas (HC) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), na unidade da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh), Estatal com vínculo ao Ministério da Educação, que atua na gestão de hospitais universitários federais. Jovens gestantes com até 24 anos podem procurar o programa, onde acontecem encontros semanais com sessões de fisioterapia e oficinas ministradas por uma equipe de profissionais de saúde, interdisciplinar formada por médica pediatra e hebiatra (especialista em adolescentes), enfermeiras, nutricionista, fisioterapeuta, dentista, conta inclusive com atendimento psicológico, e serviço social para auxiliar no caso da existência de mães



que sofreram alguma situação de violência, como explica a assistente social do Hospital das Clínicas, “O Progesta presta assistência integral às jovens gestantes com o objetivo de ajudar e proporcionar uma gravidez e parto saudáveis” (Guedes, 2019).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS,2022),

A gestação nesta fase é uma condição que eleva a prevalência de complicações para a mãe, para o feto e para o recém-nascido, além da possibilidade de agravamento de problemas socioeconômicos já existentes. Para a adolescente gestante, por exemplo, existe maior risco de mortalidade materna. Já para o recém-nascido, o risco aumenta para anomalias graves, problemas congênitos ou traumatismos durante o parto (asfixia, paralisia cerebral, entre outros).

Na maioria dos casos, mesmo vindo ocorrendo uma diminuição significativa as Políticas Públicas de Saúde, ainda tateiam frente, não só a gestação de jovens, mas diante da realidade brasileira em que um a cada sete bebês é filho de uma adolescente. Por dia, 1.043 adolescentes se tornam mães no Brasil. E, por hora, são 44 bebês que nascem de mães adolescentes, sendo que dessas 44, duas têm idade entre 10 e 14 anos”, alertou Erika Krogh⁵ (2022); embora em 2019 tenha sido criado inclusive a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência (2019)⁶.

Portanto a gravidez na adolescência tem preocupado muito, frente a situação de um grande problema, que se soma a gravides, outras questões decorrentes, tais como: ausência da pai, abandono escolar, exclusão social, pobreza etc.; e muitas vezes as ações são apenas desenvolvidas com as adolescentes já grávidas.

5 Os dados são do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (Sinasc), ferramenta do do Sistema Único de Saúde (SUS), 2021.

6 Diante desse cenário, foi criada a Lei nº 13.798 em janeiro de 2019 que institui a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência com o objetivo de chamar a atenção das pessoas para discutir as políticas de prevenção. Foi escolhido esse período, início do ano, antes do carnaval, para aproveitar a ocasião para divulgar os métodos contraceptivos porque acaba sendo um período mais vulnerável.



METODOLOGIA

O presente artigo possui como abordagem a pesquisa qualitativa – explicativa, que por intermédio da análise de artigos, e pesquisas de obras literárias, sendo fontes para ampliação de uma base de dados, tem a finalidade de explicitar e elucidar os conhecimentos primordiais sobre o tema proposto.

De acordo com Gil (1946) a pesquisa explicativa é de suma importância por ter como característica a explicação da realidade e das situações, e por ter o objetivo de analisar as diferentes influências de um determinado acontecimento.

Como abordagem ao conhecimento, o método científico se caracteriza pelo uso de procedimentos empíricos, em vez de basear-se apenas na intuição, e pela tentativa de controlar a investigação dos fatores considerados responsáveis por um fenômeno[...] (Shaughnessy, Zechmeister, B., S., 2012 p. 68).

Ao analisar-se diferentes autores, sobre o assunto, procurou-se esquematizar e reorganizar conjunturas vindouras da construção da observação, compreensão e contribuição dos recursos narrativos dos teóricos e estudiosos utilizados para elaboração deste trabalho, de modo que causalmente fosse obtido a ampliação dos construtos acerca da gestação precoce.

Para Shaughnessy, Zechmeister, B. S.,(2012 apud ver Miles e Huberman, 1994; Strauss e Corbin, 1990), [...] Na análise de dados qualitativos, os pesquisadores buscam fazer um sumário verbal de suas observações e desenvolver uma teoria que explique o comportamento contido nos registros narrativos.

A pesquisa utilizou-se da plataforma SciElo, assim como livros que discutem sobre a gravidez, adolescência e seus impactos psicossociais. Portanto, entendemos a pesquisa bibliográfica de acordo com Mynayo (2001) a pesquisa bibliográfica é um método que envolve a revisão e análise de literatura já existente sobre um tema específico. Esse tipo de pesquisa permite ao pesquisador



identificar o estado atual do conhecimento, compreender debates, teóricos, e encontrar lacunas que podem ser explorados em estudos futuros. É fundamental para fundamentar e contextualizar novos estudos, além de de auxiliar na definição de hipóteses e metodologias.

ANÁLISE DO CONTEXTO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

O quadro no Brasil e no mundo espelha como é grande ainda o preconceito e a distância em torno da sexualidade no ocidente, terminando por refletir em várias distorções que em vez de somar, afastam e provocam mal-estar para as adolescentes, em seus contextos bio-psicossociais. E para o filho delas que, indiretamente, receberá toda uma carga emocional negativa da mãe e do pai que encontram dificuldades em elaborar a maternidade e paternidade na adolescência.

Repensar a Gravidez na Adolescência do ponto de vista adolescente diante da vivência de sua sexualidade, é fundamental, pois só elas podem falar o que pensam, sentem e entendem, e, com isso se pode desenvolver ações públicas que tenham eficácia junto às mesmas.

O PROCESSO DE GRAVIDEZ NÃO PLANEJADA E NÃO DESEJADA

A situação da gravidez não planejada e não desejada na adolescência, tem implicações psicossociais, que ultrapam, não só em sim a questão da falta de um planejamento, do momento ainda inoportuno para uma gestação, tento a nível do desenvolvimento anatômico/fisiológico,, assim como, diante do desenvolvimento psíquico, frente ao fato de os jovens ainda estarem se estruturando a nível, afetivos, emocional e cognitivo, bem como frente aos aspectos sociais, nos quais os jovens, ainda se encontram no processo de escolarização, socialização, desenvolvimento preparatório e o mundo adulto.

Evidentemente, toda essa transição e desenvolvimento, leva-nos a compreendermos, as grande dificuldades inerentes ao momento, bem como que as políticas públicas voltadas para a



orientação, prevenção e educação, encontram-se ainda predominantemente limitada e falhas, visto que o olhar das políticas públicas, ainda se encontram distantes do olhar dos próprios jovens, que em si, mesmo que estando em crescimento psíquico e cognitivo, poderiam contribuir para ações de prevenção e conscientização do momento de vida, aos quais estão passando., dados do Brasil Escola apontaram que: “As causas da gravidez precoce são multifatoriais, abrangendo falta de educação sexual adequada, baixa acessibilidade a métodos contraceptivos, e pressões sociais” Ministério da Saúde apud Flores (c2024).

Portanto, não deixamos de considerar em termos epistemológicos a questão da gravidez na adolescência, mas no presente trabalho, estamos focando nos aspectos psicossociais, envolvidos no contexto da gravidez adolescente, mas sim a preocupação com uma situação que afasta as mesmas na escola, no trabalho melhor, o que resulta na ampliação do processo de exclusão social, no processo de socialização destes filhos diante da precariedade das atitudes voltadas para eles; em geral as crianças são abandonadas pela adolescente/mãe depois da amamentação e/ou quando começam a andar, sem falar na omissão do pai no processo. Nesse momento, os cuidados com os filhos são delegados à mãe da garota, familiares ou até mesmo vizinhos.

Como passar isso para um outro – o filho – quando ainda se está organizando o seu próprio processo? Nesse caso, como serão desenvolvidas as relações sociais, familiares e afetivas / emocionais para com o bebê, se a própria adolescente ainda se encontra em fase de desenvolvimento?

Responder a tais questionamentos não é algo fácil, no que se refere ao Brasil, os dados são conflitantes e opostos, sem uma análise das condições de vida da mãe e a classe social da qual faz parte. A mortalidade infantil e neonatal ficam evidenciadas.

São questões ligadas aos aspectos físicos, pois algumas adolescentes, com capacidade de reproduzir, ainda não estão prontas organicamente para a reprodução.

A falta de um pré-natal implica problemas que poderiam ser solucionados pelo acompanhamento médico sistemático, visto que “o acompanhamento resulta numa gravidez como outra qualquer e que a incidência de bebês prematuros e com baixo peso é quase idêntica à da população adulta” (Rocha,



1998, p. 41). Essa noção é reforçada pelo médico Ricardo Barros quando mostra que “os trabalhos realizados no Brasil demonstram que não há diferença alguma, a não ser que ela não faça o pré-natal adequado” (id. *ibid.*).

O Sistema de Saúde apenas considera “um processo que tem como consequência a pouca informação adequada que acompanha a sexualização precoce nos dias de hoje, favorecida pelos meios de comunicação” (Tavares, 1996, p. 102). Portanto, as abordagens contidas nos discursos teóricos [médicos], ainda trabalham em um contexto meramente preventivo, ou seja, focalizando a gravidez como uma ideia associada à doença, uma vez que a visão de prevenir algo contém na maioria das vezes um aspecto de enfermidade.

O que se soma, por outro lado, as implicações emocionais que são marcantes, visto que a adolescente ainda não elaborou suficientemente seus afetos – devido às características do seu desenvolvimento psicológico anterior aos 12 anos passar por uma ação bastante egocêntrica como nos mostra Freud em seus estudos sobre “Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade Humana” (1905).

Portanto, percebemos que, o problema central não é focalizado, que é o nível deficitário e excluídos, pela falta de estudos e pesquisas a partir dos próprios adolescentes, além da dificuldade das famílias de todas as classes sociais, se verem impedidos ou com dificuldades de estabelecerem um diálogo voltado para a sexualidade humana com os seus filhos.

E, mesmo considerando a família ou dos cuidadores desses jovens, como núcleo central de abordarem tais temáticas, para um desenvolvimento amplo, consciência, entendimento e prevenção, já que não podemos mais negar que os jovens, tem início cedo em suas relações eróticas sexuais, não negados diante dos dados aqui já expostos.

Não podemos esquecer e nem pensar que , a Escola, mesmo não substituindo a família deveria ter um projeto de educação sexual, desde a infância até a saída dos jovens da escola, de maneira a proporcionar uma educação mais ampla, tendo em vista que a mesma em seu papel de educação do ensino-aprendizagem, significa uma totalidade, pois não existe um intelecto/cognitivo nas pessoas, isso é bem mais amplo, pois as pessoas são isso e mais emoções, sentimentos, corpo e etc.



Partindo disso encontramos em pesquisa desenvolvida pela Fundação Serviço Estadual de Análise de Dados – Seade, em São Paulo, com a fala de Yazaki, que afirmou: “as mulheres que tiveram menos oportunidade de estudar começam a ter filhos mais jovens e encerram sua atividade reprodutiva antes de entrar para a faixa dos trintas anos; neste sentido foi observado dentro desta pesquisa que uma jovem paulista tem quatro vezes mais chance de ter um filho antes dos 19 anos se ela estudou menos de quatro anos em comparação com adolescentes que ficaram ao menos oito anos na escola” (Projeto Aprendiz / Universo On-line, 1999).

Nesse sentido, Toledo (1999.) diz: “se puder adiar a gravidez para depois de completar os estudos e de sua entrada no mercado de trabalho, a mulher tem mais chances de ascender socialmente. Essa é uma tendência que se verifica nos EUA, por exemplo”. No caso do Brasil, país de analfabetos e de história de fracassos e altas evasões, os aspectos ligados à gravidez na adolescência só tendem a se acentuar; E não ao contrário do que se diz no meio social, não se pode afirmar que foi a gravidez que provocou a ruptura com a escolaridade.

Por sua vez Souza (1998, p. 79), citando Azevedo (1986) reforça isso quando coloca que “a gestação é um marco que suprime a passagem da adolescente de uma fase para outra, forçando as mulheres jovens a assumir abruptamente papéis da vida adulta relacionados à constituição de família e provimento de renda que seriam incompatíveis com a manutenção de estudos”.

Fato esse reforçado por Pastora (1999, p. 02), quando assevera “que a educação leva as mulheres a terem menos filhos, diminuindo o risco de gravidez indesejada e fazendo baixar a taxa de fecundidade da sociedade (...) entre as adolescentes mais “educadas” – 13 a 20 anos –, o número de gravidez não chega a 20 em cada 1.000 mulheres, entre as analfabetas, é quase 200 por mil”.

Diante de tal quadro, é muito fácil a jovem não pensar em contraceptivos, escola e/ou trabalho, entregando-se ao discurso machista da função materna, que uma vez internalizado passa a fazer parte de seu cotidiano.

Mostra um modelo social existente em que a “cultura destaca gravidez, parto, amamentação, vínculo mãe-filho como momentos privilegiados da trajetória feminina em detrimentos de outros e,



em contrapartida, a experiência da maternidade ainda é percebida como meta precípua é inevitável para todas as mulheres” (Perserval e Almeida, apud Santos et al, 1996, p. 02).

A maternidade como processo natural do feminino ocorre diante da capacidade de procriar da mulher; “a reprodução biológica dá um fundamento aparentemente natural à visão androcêntrica⁹³ da divisão de trabalho sexual e da divisão sexual do trabalho (...)” (Bourdieu, 1999, p. 33), respaldado pela crença que “é a particularidade do aparelho reprodutivo da mulher, que funciona em seu esquema explicativo como suporte para posturas de consagração da função materna, identificada como representante legítima e incontestável da feminilidade e fonte de realização inigualável” (Santos et al, 1996, pp. 01 - 02).

O androcentrismo, concepção de que o homem é o centro de tudo, implica em uma grande contradição e erro histórico e social, pois a “visão androcêntrica é assim continuamente legitimada pelas próprias práticas que ela determina: pelo fato de suas disposições resultarem da incorporação do ‘preconceito desfavorável’ contra o feminino, instituído na ordem das coisas...” (Bourdieu, 1999, p.44). Por outro lado, o único caminho para atingir tal proposta é desenvolver projetos, pesquisas e programas junto às mesmas e as Políticas Públicas.

Para Badinter (apud Forna, 1999, p.40), “o amor materno nasce da relação mãe-filho e é uma expressão do livre-arbítrio [...]”.

A GRAVIDEZ ADOLESCENTE E OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS NA ADOLESCÊNCIA

Portanto, percebemos que essa classificação de gravidez na adolescência, está embasada na concepção médica da gravidez, o que categoricamente ela é, e as possíveis consequências ao longo do processo. Em complemento, a 14ª edição do livro Desenvolvimento Humano disponibiliza a informação das reações emocionais influenciadas pelas variações hormonais. Ademais, a obra detalha, cuidadosamente, as transformações exercidas para o desenvolvimento do feto, como exemplo:

O coração da mulher bate mais forte e rápido para levar mais sangue e nu-



trientes ao feto. Aumenta ainda mais a produção de hormônios. A progesterona deprime o sistema nervoso central e pode causar sonolência. Preocupação com a gravidez pode diminuir a energia também (Papalia, 2022 p. 321 apud Mayo clinic, 2005).

Pode-se inferir que, fisiologicamente, a energia e os esforços são focalizados em prol da concepção, logo, a gestante terá que adaptar-se às ramificações vindouras de uma gravidez, indesejada ou inesperada. Em continuidade, ao abordar-se a gestação em adolescentes convém definir o histórico da adolescência,

A adolescência não é uma categoria física ou biológica claramente definida – é uma construção social. Nas culturas tradicionais e pré-industriais, as crianças em geral entravam no mundo adulto quando amadureciam fisicamente ou quando iniciavam um aprendizado profissional. No mundo ocidental, a adolescência foi reconhecida como um período único de desenvolvimento no ciclo de vida no século XX (Papalia; Martorell, 2022, p. 321).

Complementando a análise histórica, segundo Corso, D. M (2018), analisando-se o contexto pós-guerras que continham uma intensa carga emotiva e depressiva, a adolescência surgiu como um contraponto ao modo de vida anterior, por isso, não é raro observar-se a ideia de semelhança entre adolescência e rebeldia, revolta e ruptura do que, outrora, foi determinado e estabelecido.

De acordo com Krogh (2023) “[...]Sim, tivemos uma redução importante entre 2015 e 2019 de até 32,7% dos casos de adolescentes grávidas. [...] entretanto, ainda temos números absolutos muito altos, muito aquém do desejado [...]”⁷. Em virtude da alta taxa de adolescentes engravidando em uma idade extremamente nova, faz-se necessário que o tema seja noticiado e estudado com instrumentos de prevenção e planejamento para que a incidência de adolescentes grávidas seja minimizada.

Diante dos conceitos mencionados, a experiência da gestação com a fase da adolescência diversos riscos e intercorrências podem vir a ser ocasionadas. Ainda que, sendo um construto particular,

⁷ Informações fornecidas por Erika Krogh, presidente da Associação de Ginecologia e Obstetrícia do Maranhão, no Seminário de prevenção da gravidez e seus impactos, promovido pela Unidade de Saúde da Mulher do HU-UFMA/Ebserh (São Luís-MA), em 13 de fev. de 2023.



individual e cultural os adolescentes possuem expectativas, necessidades e responsabilidades, geralmente, voltadas para as suas capacidades cognitivas, sociais e emocionais.

Portanto, a gravidez é um fenômeno que ocasiona diversas reações corporais, psicológicas e sociais para a gestante. Essas consequências podem ser agravadas ou amenizadas a depender de fatores internos, como propensões herdadas ou adquiridas, e externos, sendo, o contexto social e econômico.

Faz-se, importante salientar que não considera-se a gestação como uma doença, mas como um processo saudável e esperado, em virtude da fertilidade da mulher, como entendido pelos psicanalistas Diana e Mário Corso:

[...] Gravidez não é doença, mas é igualmente um processo orquestrado pelo feto do qual a mulher é alienada, restando-lhe constatar o que ocorre em seu corpo e adaptar-se às transformações. Antes, na condição de filhos, estávamos à mercê do poder materno, agora, enquanto grávida, é a futura mãe que fica à mercê do filho. Situação invertida, temor similar (Corso, D. M., 2017, p. 39).

Entretanto, quando observa-se a precocidade da maternidade, advinda de diferentes motivos, em continuidade com as intercorrências e questões da própria adolescência é inegável que existe uma problemática que precisa ser estudada, acompanhada e comunicada para que construam-se abordagens e métodos de análise e prevenção, bem como, o atendimento e compreensão dos impactos psicológicos desse momento, pois como citado esse processo possui consequências e transformações intensas e possivelmente podem tornar-se angustiantes para a gestante.

Então, pode-se inferir que, para uma jovem entre 10 a 18 anos essa situação, de adaptação à maternidade, em conjunto com as adversidades da adolescência provavelmente, acarretará em empecilhos nos âmbitos sociais, psicológicos e econômicos, de modo mais forte e talvez problemático.

Continuamente, a isso, espera-se que causas e motivos sejam analisados, para que haja uma intervenção. Na investigação de López et al. (2021), da faculdade de enfermagem Benemérita Universidad de Puebla México, os discursos dos entrevistados proporcionaram quatro possibilidades



para os fatores que levam a gravidez. Sendo eles, O uso indevido de métodos anticoncepcionais, coibição para questionamentos sobre esses, relações sexuais ao acaso e consumo de substâncias.

Embora o estudo tenha sido realizado em outro país, a análise de suas contribuições é benéfica para um recorte amplo das possíveis causas, em complemento, segundo a pesquisa de Lopes et al. (2020) sobre a tendência temporal e fatores associados a gravidez na adolescência da Universidade Estadual de Maringá é possível compreender quais as divergências e semelhanças nestes casos. Com a conclusão da pesquisa de Maringá sobre a importância do conhecimento para que as relações sexuais ocorram de modo saudável.

Convém destacar que o tópico, sexualidade, geralmente é posto como desconcertante e conseqüentemente é velado nos diálogos, principalmente quando o objeto é uma mulher, o pai da psicanálise Sigmund Freud em seus textos, observa que:

[...] chama a atenção para o fato de que o tabu da virgindade pertence a um grande contexto que abrange a vida sexual inteira. Não apenas o primeiro coito com a mulher é tabu, mas também a relação sexual em geral; quase que poderíamos afirmar que a mulher [Weib] inteira constitui tabu. A mulher não é apenas tabu nas situações especiais decorrentes de sua vida sexual, como a menstruação, a gravidez, o parto e o puerpério, mas também fora delas, a relação com a mulher está submetida a limitações tão sérias e numerosas que temos todas as razões para duvidar da suposta liberdade sexual dos selvagens [...] (Iannini; Tavares, 2018, p. 163).

Como, anteriormente, citado ao reafirmar os diálogos sobre o sexo pode ocasionar entraves para as resoluções da sexualidade na adolescência. O interesse e a experimentação da sexualidade são parte integrante da construção da identidade e do amadurecimento dos jovens. Principalmente se considerarmos o conceito do desenvolvimento psicosssexual de Freud. Em sua obra Sigmund Freud observa que:

Nosso sentido foi ultimamente aguçado pela percepção de que o desenvolvimento sexual da criança avança até uma fase na qual o que é genital já assumiu o papel principal. Mas esse genital é apenas o masculino, mais pre-



cisamente, o pênis; o feminino permaneceu não descoberto. Essa fase fálica, simultânea à do complexo de Édipo, não continua se desenvolvendo até a organização genital definitiva, mas submerge [versinkt] e é dissolvida [abgelöst]² pelo período de latência. Seu desfecho, porém, consuma-se de maneira típica, e apoiando-se em acontecimentos sistematicamente recorrentes (Iannini; Tavares, 2018, p. 249).

Destaca-se a importância que o autor atribuía para o desenvolvimento saudável da sexualidade e como a resolução das frustrações de cada fase contribuem para uma vivência sadia. O trecho, mencionado, explora o período fálico em que observa-se o complexo de Édipo e as ocorrências deste momento e também as diferenças para os meninos e para as meninas.

Por isso, infere-se que as cobranças e vivências são distintas quando aborda-se a gravidez. Um exemplo, seria a própria gestação e as reações hormonais dessa, o enfrentamento da culpa, remorso, inseguranças o medo de avisar os responsáveis, para a menina há o impedimento por ser a gestora, por isso lidará com todas as reações da gravidez, e ainda que escolha abortar, provavelmente, terá que enfrentar julgamentos.

Colocados de forma crua, a gestação e o parto poderão suscitar fantasias como as de Alien, onde a mãe é uma poedeira e o feto um parasita destruidor. Uma gestação desejada ou inserida em algum tipo de expectativa por parte da mulher não corre esses riscos, pelo menos no aspecto consciente. Porém, as fantasias associadas à submissão física da gravidez e à violência do parto moram permanentemente nas sombras do inconsciente de toda mulher e encontram representação nas fantasias, nos pesadelos e em filmes como estes[...] (Corso, D. M., 2017, p. 39).

Para o menino, a experiência da futura paternidade apresentará outros impactos em sua dinâmica pessoal, social e econômica. Segundo os dados da Agência IBGE Notícias, 25% dos homens que têm filhos com idade entre 15 a 29 não possuem instrução e fundamental completo. Convém, ainda, analisar duas possibilidades: a partir da descoberta da gravidez, a aceitação ou negação, para uma inferência serão utilizados os dados de duas pesquisas distintas.



A primeira será um artigo de Fávaro et al. (2019), sobre a paternidade na adolescência, da Universidade Estadual de Araraquara. Nesse documento foram entrevistados sete indivíduos que quando questionados sobre mudanças, apenas, dois responderam que, sim, houveram mudanças essenciais em suas vidas, sendo essas, consideradas como benéficas para os jovens. Os entrevistados afirmaram que estavam presentes durante e após a gravidez.

Observa-se cenários otimistas nesta pesquisa em que existe o interesse paterno. Ademais, aborda justamente a necessidade de estudos para além da maternidade visando o foco nas experiências masculinas e quais as implicações.

Entretanto, um ponto a analisar-se é a colocação de dois dos indivíduos sobre a responsabilidade de prevenção. Os autores concluem que haja uma culpabilização da mãe, na fala destes dois, quando um menciona que ela não se preveniu enquanto o outro explana a vontade dela de ser mãe. Ainda que menos da metade dos jovens tenham expressado isso, faz-se importante complementar com outra fala:

Os rapazes, tornados pais “involuntários”, muitas vezes ignoraram ostensivamente que o tema da anticoncepção é também de sua responsabilidade [...] Eles fogem porque podem partir; seu corpo não carrega o fardo. Acovardam-se e afastam-se de uma cena que os aterroriza, sobre a qual não têm mais controle. Sentem-se traídos por uma situação que eles mesmos engendraram e com a qual agora não sabem lidar (Corso, D, M., 2018, p. 115).

Concomitantemente, a análise da pesquisa dos estudantes Ferrari e Peres (2020), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, aborda a vivência de dez adolescentes que decidiram abortar clandestinamente. Existem alguns pontos de destaque como o fato de não terem informado os responsáveis sobre a gravidez, por receio de serem impedidas de abortar por questões e ideais religiosos dos pais. Sobre o aborto:

Em alguns países, o aborto é legalizado, evitando as assustadoras cifras de mortalidade materna associadas à clandestinidade dessa prática. Entre esses, há os que condicionam o procedimento à existência prévia de um breve processo de reflexão e algumas entrevistas aos cuidados de um profissional de saúde mental. Acreditamos que isso é imprescindível, pois um aborto é sem-



pre um evento forte para todos os envolvidos. Mesmo que seja a solução encontrada, deixará suas cicatrizes [...] (Corso, D, M., 2018, p. 119).

Então, as amigas, também adolescentes, ocuparam o papel de apoio, confiança e escuta para os procedimentos. E por fim, o não conhecimento do parceiro deste momento, sendo quatro as que não informaram em contraste com as outras seis. Um contraste com a pesquisa de Araraquara é a idade desses parceiros e o poder e pressão exercido nas jovens.

Nestes dez casos, somente, uma teve complicações depois da realização do aborto, imprescindível destacar o descaso e falta de ética profissional da enfermeira e do médico que atenderam a moça. Os julgamentos e preconceitos sobre o aborto neste caso explicam os temores, destas adolescentes, de serem penalizadas ou descobertas, ainda que tenham sentido alívio depois de terem completado o procedimento.

Além dos riscos de complicações do aborto também foi observado o envolvimento com traficantes para conseguirem realizar o pagamento do processo, estando sujeitas a ameaças e cobranças. Infere-se diante dos argumentos expostos que a gravidez precoce possui uma amplitude de fatores, significados e repercussões para as adolescentes.

Por isso, a análise e acompanhamento dos múltiplos fatores de risco nesses casos são de extrema necessidade, reitera-se a complexidade e abrangência dos impactos vindouros da gravidez não planejada e nem desejada e a necessidade de ampliação de estudos e projetos voltados para a gravidez precoce.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do pensamento, fala e compreensão, podemos constatar que as reações são bastante diferenciadas. Uma adolescente engravidada, duas atitudes se expressam. A garota diz: “vou ser mãe”, o rapaz diz: “minha namorada está grávida, e agora?” A menina já incorpora o estado no primeiro momento; o rapaz, por sua vez, questiona na maioria das vezes se o filho é seu, Menezes (2000).



Ainda complementa Menezes (2000), que nesse jogo de apostas, mulheres e homens estão bem distantes, enquanto ela “está” ele nem “chegou”. Ocorre nesse contexto o primeiro movimento de exclusão por parte do companheiro que junto a ela não tinha planejado e nem pensado sobre este aspecto.

Ficar sozinha com a situação implica uma sobrecarga maior, desequilibrando-a emocionalmente, repercutindo em seu próprio filho. Raras jovens apontam noutra direção, ou seja, apresentam desenvolvimento e maturidade que lhes permitem vivenciar a gravidez, como foi o caso de duas adolescentes da pesquisa. Ambas já estavam casadas e tinham o seu próprio espaço, Menezes (2000).

Segundo a pesquisa realizada por Zagury (1996, op.cit.), as meninas terminam por assumir as maiores consequências da gravidez. Muitos garotos negam a paternidade. Outros não assumem, e desaparecem. Aqueles que aceitam encontram muitas dificuldades, mesmo se casando.

Portanto, a responsabilidade acaba sendo da mãe, e sua autoestima termina por ser prejudicadas, repercutindo pelo resto de seus dias mesmo que case com o pai do bebê. O prejuízo da vida da adolescente, em termos de desenvolvimento, face às várias transformações por que ela passa com a gravidez e o nascimento do bebê, o que termina por limitar a sua participação em festas, passeios, estudos, etc., portanto, uma exclusão simbólica.

As condições de vida precária somadas ao machismo deixam as mulheres à mercê dos instrumentos sociais que lhes causam submissão, dependência e pouco espaço para questionamento, resultando, dessa forma, na exclusão simbólica e econômica. Nesse sentido, a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (CIPD), em 1994, advertiu-nos que: “Sem a plena participação das mulheres em pé de igualdade, não pode haver desenvolvimento humano sustentável (...). O programa de ação sublinha a necessidade de igualdade e equidade entre os sexos e do apoio dos homens à atribuição de poderes às mulheres.

Portanto, compreendemos diante dessa Conferência, supracitada, que enuncia o direito à saúde reprodutiva universal e global, incluindo o planejamento familiar, e refere que, para as mulheres,



a base essencial da atribuição de poderes é um contexto que também engloba a educação e o acesso aos cursos.

Assim sendo, teremos um país mais consciente, solidário, humano e existirá o sujeito, enquanto cidadão. Não vemos outro caminho a não ser novas atitudes no eixo família / sociedade/ escola, para possibilitar aos adolescentes uma maior compreensão do mundo, buscando assim, satisfação de necessidades num sentido amplo, material e imaterial, como propõe Sposati (1999).

Nesse sentido, ocorre a fragmentação do processo de “autoimagem e a auto-estima, pois as percepções e os sentimentos de si mesmo estabelecem parâmetros importantes para a avaliação de experiências passadas, bem como para iniciativas de articular um novo projeto, a partir dessa avaliação (...) o projeto de vida é a possibilidade que se cria.

Acreditamos que esses pontos promovem uma maior organização e equilíbrio da vida humana, visto que questões sociais são tratadas como um processo de busca e integração. Não podemos avançar na consolidação das garantias sociais, enquanto a sociedade civil caminha sem projeto de sociedade.

Faz parte da Constituição a garantia de uma qualidade de vida, que favoreça os indivíduos na plena existência do viver, como por exemplo, o trabalho educativo que visa a proporcionar aos adolescentes uma maior compreensão da vida e do mundo, instigando-os para o livre pensar, para a compreensão crítica da realidade, para a sua participação do processo de construção de sua história social e de vida.

Para tal, tornou-se importante pensar e repensar a adolescência em seu contexto sociocultural, possibilitando uma nova leitura e releitura dos preconceitos, tabus e dogmas, e não prevalecendo as concepções técnicas do mundo, e sim no contexto de vida em que estão inseridas as/os adolescentes.

Assim, as/os adolescentes puderam desenvolver uma visão mais crítica, criativa, participante, atuante, reflexiva, e pensante, tendo entendimento do que é a verdadeira cidadania. Freire (1980) ensina que não podemos pré-fabricar uma ideia da situação, tornando-a dessa maneira inoperante, por não ser adaptada ao homem ao qual se destina, que está inserido em um determinado período e



contexto histórico, e portanto, não está isolado.

Nesse sentido, as/os jovens estarão vivenciando a plena Cidadania e não propostas paliativas que não levam o sujeito a construir a sua história.. O processo consistiria no trabalho com adolescentes em termos de visão sobre corpo, saúde, sexualidade etc. embora limitado pela falta de verbas federais para atender às necessidades básicas.

De acordo com a Coordenação Municipal de Saúde da Mulher de Caruaru/pernambuco, (Menezes, 2000) não é realizado só o acompanhamento da adolescente grávida, mas depois do nascimento do bebê com o vínculo estabelecido, continua a parceria dela com a equipe de saúde, o que torna o planejamento familiar mais fácil. “Além dos exames pertinentes ao pré-natal, quando a mesma chega à consulta, é feita, além da palestra coletiva, uma entrevista individual cuidadosa, a fim de se tomar conhecimento dos sentimentos e da percepção da mesma com relação a sua atual situação – se ela sabe ou percebe o que está acontecendo?

E o que ainda ocorrerá? (...) e acima de tudo, é feito um esclarecimento – numa linguagem que esteja ao alcance de seu entendimento –, de todos os passos e mudanças pertinentes, da gestação até o parto (...) além do trabalho de Planejamento Familiar, que abrange palestras, orientações e distribuição de métodos contraceptivos” (Equipe Técnica). Existe também monitoramento do desempenho escolar das adolescentes.

Menezes (2000), apresenta em sua pesquisa, os dados de Madureira/Rio de Janeiro, que de acordo com os dados do Mapa Social do Rio de Janeiro, o maior índice de gestantes na flor da idade – 3.535 meninas de 10 a 19 anos entraram em trabalho de parto em 1998, mas com um ação interventiva prática, evitou-se a evasão das adolescentes, garantindo acompanhamento com psicólogos e educadores para que as mesmas não deixassem a escola e que os filhos tivessem um local para que suas mães pudessem continuar os estudos.

Havia, porém, apoio, solidariedade, diálogo e aproximação de todos junto às adolescentes para compreender melhor o processo de elaboração de seus conflitos e auto-estima. Existe uma lacuna muito séria entre o diálogo e a ação, pois quando se está num plano teórico, tudo é normal e saudável;



quando a ideia vira prática, sugere a ameaça à própria integridade da família e do meio social.

Portanto, percebemos que na falta de diálogo e comunicação – não esquecendo os conflitos socioeconômicos como pobreza, miséria e exclusão social – na relação pais e filhos termina por estabelecer uma distância na organização da identidade dos filhos e o fosso criado resulta na desorganização do ser humano, que fica sem parâmetros básicos e essenciais para a sua formação socioeducacional e pessoal.

A família, cada vez mais, perde suas referências do grupo social local – o espaço da cidade, da rua, dos amigos. Perdendo no espaço, apega-se a valores contraditórios de um modelo social fragmentado e distorcido, que implica rupturas com os elos comunitários anteriormente estabelecidos.

O Centro de Estudos de Assistência à Família – (apud Dimenstein, 1999, p.05), sugere que situação de conflitos na “família provoca atitudes de risco e conclui que os mecanismos para evitar a gravidez são os professores estarem melhor orientados (71,3%) e em segundo lugar, os pais (61,1%)”
140 Hoje, a escola atende 140 crianças até 8 anos, matriculadas na mesma instituição que forma suas mães. 141 Participaram da pesquisa 2.400 jovens entre 14 e 18 anos.

O importante é a qualidade de vida que se organiza dentro de uma perspectiva construtiva e humana, para que o sujeito possa elaborar e reelaborar o mundo e a vida, participando da construção político – social como agente atuante – o ser cidadão – e não excluído de uma possibilidade digna de viver. Cabe ao adolescente a possibilidade de responder aos seus questionamentos e junto com adultos buscarem caminhos e soluções dos problemas, no sentido de perceber e reconhecer sentimentos que possam encarar as atitudes com o apoio da família, da sociedade e da escola.

A participação da construção social proporciona ao indivíduo ser sujeito da sua vida. Para tanto, implica a necessidade do diálogo, da conversação com os filhos a fim de que possam integrar os conhecimentos familiares aos do seu meio (grupos, atividades sociais, escola etc.), desenvolvendo sua identidade.

Para uma vida saudável, faz-se necessário viabilizar para o ser humano a paixão, o afeto, o desejo, a vontade, o amor e o prazer, para que a mulher e o homem sejam sujeitos construtores dos



seus valores, ideias e afeto.

Em nosso entendimento, percebemos que há uma reorientação no campo da pesquisa, visando subsídios na prática cotidiana das adolescentes, em torno de seus valores, atitudes e numa busca de compreensão de ações no cotidiano. As ações da esfera social contribuíram para o enriquecimento da prática de organização coletiva, ampliando, assim, o espaço do grupo de jovens para a obtenção de uma atitude participativa, para o desenvolvimento de senso crítico e a sistematização do saber.

A tomada de consciência é o primeiro passo para a modificação de qualquer comportamento, ideia, atitude, para o sujeito construir o seu conhecimento. A perspectiva de crescimento torna-se viável a partir do momento em que as adolescentes pensem sobre o assunto, levantando suas hipóteses com seus acertos e erros, mas sem uma preocupação com a exatidão das questões. O exercício pleno da cidadania facilita ao ser humano uma nova leitura e análise crítica da sociedade, dada a sua relevância para a organização social da comunidade que, sem esse princípio básico termina por estruturar aspectos de marginalidade e exclusão.

Reverter a situação atual é um passo lento e longo. A história não se fez e nem se faz de um dia para o outro, mas é na luta cotidiana e permanente que poderemos construir uma história participativa, consciente, dinâmica e afetiva. Em pleno final do século XX e início do século XXI, não podemos mais reproduzir no sistema social as formas unilaterais e repressivas que nos levam mais longe da essência democrática de viver.

Portanto, resgatar a história dos indivíduos – especialmente das adolescentes – é o caminho para um desenvolvimento saudável das mesmas favorecendo, assim, o processo de crescimento do sujeito adolescente. A partir de uma ótica bio-psicossocial, política, afetiva, ideológica, cultural e educacional, contemplada pela tríade autonomia, auto-estima e afetividade, seria dado o passo essencial para a formação de sua identidade de gênero, que possibilita ao indivíduo equilíbrio, conhecimento e consciência de si.

Acreditamos, com essas análises, que podemos encontrar novos caminhos e direções, mas não fechamos questões em nenhum aspecto, mas sugerimos uma reflexão em torno da exclusão social



dentro do espaço real e/ou simbólico da gravidez adolescente.

Zagury (1996), nos apontou em sua pesquisa a visão apresentada pelos jovens:

As nossas decisões sobre sexo serão tomadas tendo por base o que pensamos sobre o assunto e o que queremos. Mas o que pensamos sobre sexo é formado por um conjunto de informações, valores e modelos que vamos obtendo no decorrer dos anos. Muitos desses modelos e valores tomam por base os modelos e valores de vocês, pais. Mas não podemos deixar de viver a nossa vida, a nossa época, a nossa realidade, como todos os jovens – como vocês também o fizeram, um dia, poucas décadas atrás.

Em virtude dos argumentos e fatos mencionados, conclui-se que, os fenômenos em conjunto podem ocasionar empecilhos como: dificuldades escolares, sociais e psicológicas ou em contrapartida podem tornar-se incentivo para a criação de um projeto de vida voltado para a parentalidade.

Logo, ao utilizar-se de autores psicanalistas e pesquisadores, do desenvolvimento humano, fez-se possível compreender e elucidar os diversos fatores e minúcias que uma gestação na adolescência pode acarretar, sendo positivamente ou negativamente. Por isso, a análise e acompanhamento das variáveis são de extrema importância e necessidade, reiterando-se, ainda, a complexidade e abrangência dos impactos vindouros da gravidez precoce e a importância da ampliação de estudos sobre o tema.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Governo Federal. Progesta abre sua primeira turma de 2019 para jovens gestantes. Brasília, 29 mar. 2019. Disponível em: <<https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-nordeste/hc-ufpe/comunicacao/noticias/progesta-abre-sua-primeira-turma-de-2019-para-jovens-gestantes>>. Acesso em: 11 dez. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.798, de 3 de Janeiro de 2019. Acrescenta o art. 8º-A à Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para instituir a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 198 o da Independência e 131o da República. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/113798.htm>. Acesso em: 7 de dez. 2024.



BRASIL. Ministério da Saúde. Gravidez. Brasília, [s.d]. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/g/gravidez>>. Acesso em: 19 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gravidez na adolescência: saiba os riscos para mães e bebês e o métodos contraceptivos disponíveis no SUS. Brasília, 9 fev. 2023. Disponível: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/fevereiro/gravidez-na-adolescencia-saiba-os-riscos-para-maes-e-bebes-e-os-metodos-contraceptivos-disponiveis-no-sus>>. Acesso em: 7 dez. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Por hora, nascem 44 bebês de mães adolescentes no Brasil, segundo dados do SUS. Brasília, 13 fev. 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/ebserh/pt-br/comunicacao/noticias/por-hora-nascem-44-bebes-de-maes-adolescentes-no-brasil-segundo-dados-do-sus#:~:text=Um%20%20cada%20sete%20beb%C3%AAs>>. Acesso em: 16 set. 2023.

CABRAL, Umberlândia. 64,6% dos homens 15 anos ou mais de idade já eram pais em 2019| Agência de Notícias, 30 set. 2021. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/31446-64-6-dos-homens-com-15-anos-ou-mais-de-idade-ja-eram-pais-em-2019>>. Acesso em: 24 set. 2023.

CORSO, Diana L.; CORSO, Mário. Adolescência em cartaz: filmes e psicanálise para entendê-la. Porto Alegre: Grupo A, 2018. E-book. ISBN 9788582714614. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582714614/>. Acesso em: 17 set. 2023

CORSO, Diana L.; CORSO, Mário. A psicanálise na terra do nunca: ensaios sobre a fantasia. Porto Alegre: Grupo A, 2017. E-book. ISBN 9788582711668. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582711668/>. Acesso em: 23 set. 2023.

FÁVARO, Jéssica. D et al. Paternidade na adolescência analisando seu significado, os desafios e suas consequências. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação. doi: 10.21723/riaee.v14iesp.2.12582, dez. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12582/9450#toc>>. Acesso em: 16 set. 2023.

FERRARI, Wendell.; PERES, Simone. Itinerários de solidão: aborto clandestino de adolescentes de uma favela da Zona Sul do Rio de Janeiro, Brasil. Scielo, 2020. Disponível em: <<https://scielosp.org/article/csp/2020.v36suppl1/e00198318/>>. Acesso em: 16 set. 2023.



FLORES, Heloísa Fernandes. Gravidez na adolescência. Brasil Escola. [s.d]. Disponível em: <[https://brasilecola.uol.com.br/biologia/gravidez-adolescencia.htm#:~:text=o%20texto%20abaixo!-,A%20gravidez%20na%20adolesc%C3%Aancia%20%C3%A9%20uma%20quest%C3%A3o%20social%20e%20de,10%20e%2019%20anos%20engravidam.&text=Esse%20fen%C3%B4meno%20%C3%A9%20frequentemente%20associado,e%20contextos%20de%20vulnerabilidade%20socioecon%C3%B4mica](https://brasilecola.uol.com.br/biologia/gravidez-adolescencia.htm#:~:text=o%20texto%20abaixo!-,A%20gravidez%20na%20adolesc%C3%Aancia%20%C3%A9%20uma%20quest%C3%A3o%20social%20e%20de,10%20e%2019%20anos%20engravidam.&text=Esse%20fen%C3%B4meno%20%C3%A9%20frequentemente%20associado,e%20contextos%20de%20vulnerabilidade%20socioecon%C3%B4mica.)>. Acesso em: 7 dez. 2024.

FREUD, Sigmund. Amor, sexualidade, feminilidade. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2018. E-book. ISBN 9788551303627. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788551303627/>. Acesso em: 17 set. 2023.

FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso dora”) e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. Acesso em: 7 dez. 2024.

GIL, Antonio C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002. Acesso em: 25 nov. 2023.

LOPES, Mislaine. et al. Tendência temporal e fatores associados à gravidez na adolescência. Rev Esc Enferm USP. 2020;54. doi: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2019020403639>. Scielo, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/PHz7cjXNk9f58d7KbTCSWcL/?lang=pt>>. Acesso em: 16 set. 2023.

LÓPEZ, Silvia V. E. et al. Experiencias de las adolescentes que cursan un embarazo, desde un enfoque cualitativo. Scielo, vol.5 no.15 Sonora jul./sep. 2020 Epub 17-Feb-2021. Disponível em: <https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext & pid=S 2448-60942020000300003 & lang=pt>. Acesso em: 16 set. 2023.

PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela. Desenvolvimento humano. Porto Alegre: Grupo A, 2022. E-book. ISBN 9786558040132. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786558040132/>. Acesso em: 24 set. 2023.

SHAUGHNESSY, John J.; ZECHMEISTER, Eugene B. ZECHMEISTER, Jeanne S. Metodologia de pesquisa em psicologia. Porto Alegre: AMGH Editora Ltda, 2012. Acesso em: 25 nov. 2023.



